

Ação de formação: “HISTÓRIAS IGUAIS COM FINAIS DIFERENTES”

Arte e inclusão

Tarefa 4 - 09/06/2025

Maria Dulce Godinho Simões de Sousa

“[...] os livros trazem mais vida à vida, guindam mais alto...”

Ler é viver. Ler é viajar por outras vidas, conhecer a pluralidade do mundo, das geografias, das mundivisões sem perder o pé. Ou até perdendo-o, frequentemente, mas pelo filtro mágico da vida das personagens nos livros.

Através dos livros e da sua leitura podemos-nos emocionar, aterrorizar, surpreender, amar e até adotar posições antagónicas em que sejamos nós mesmos e o nosso contrário simultaneamente, pois, os livros permitem-nos “Sentir tudo de todas as maneiras”.

Os livros trazem novas vidas à nossa vida e dão, de forma mais ou menos indelével, novas roupagens aquilo que julgávamos ser, viver, ter. Isto porque os livros - a literatura - nos interpelam, nos convocam para a reflexão durante o ato de ler, por isso, os livros “trazem mais vida à vida, guindam mais alto” a nossa existência, enquanto pessoas singulares, únicas, sempre tão sedentas de ascender um pouco mais além da nossa natureza de “bicho da terra tão pequeno”.

Assim, vamos, gradualmente, consciencializando que os livros conferem poder, uma vez que transmitem saberes múltiplos, diversos, plurais. Abrem horizontes ao fazerem germinar e florescer a imaginação do/a leitor/a, partindo do lugar recôndito da sua humanidade: sentir o que os outros sentem, pois, sentir o outro é vestir a sua pele, é voar para fora de si e poder voltar ao ninho da sua morada íntima mais forte e vigoroso. É ter a liberdade de ascender a um ponto mais alto com segurança. Neste processo que nos permite “outrar” as leituras incentivam a reinvenção e a reconstrução dos nosso(s) eu(s).

Por conseguinte, os livros trazem mais vida, já que eles nos envolvem num universo misterioso onde é possível experimentar antes de agir, ser sem o compromisso real de o ser. Os livros, com as suas histórias, entram no nosso cérebro, ecoam pelas nossas artérias e vão até ao nosso coração. Então, essas vidas passam a viver em nós. Por vezes, ouvimos o seu chamamento com tal nitidez que as colamos à nossa, àquela que nos é tão íntima, à dita verdadeira. Assim, os livros e as suas histórias tornam-se cúmplices de um novo modo de ver o mundo, interior e exterior, visões renovadas como só os livros nos sabem dar.

São exemplo disso mesmo a sigla [História de uma gaivota e de um gato que a ensinou a voar, de Luís Sepúlveda](#) e o filme de animação [Flow](#), de Gints Zilbalodis (Vencedor do Globo de Ouro de Melhor filme e animação, 2025, *trailer* oficial). Em ambos, temos o encantamento da fábula, pois, esta projeta-nos para um tempo redentor: quando o mundo era (poderá ser) mais perfeito.

Ao reconhecemo-nos nos comportamentos destas personagens, a partir de um lugar seguro de observação (são animais que falam), elas estimulam o nosso sentido de pertença já que fazem parte da grande família habitante do planeta Terra. Deste modo, nos interpelam sobre a nossa corresponsabilidade

na promoção quer do nosso próprio equilíbrio individual quer no equilíbrio de uma sociedade que desejamos cada vez mais equitativa, digna, solidária, diversa e promotora da paz global.

Portanto, as vidas das personagens nos livros e nos filmes são o espelho mágico da vida do/a leitor/a, sobretudo, quando as causas em debate implicam e comprometem toda a humanidade e a nossa vida na “casa” comum de todos os seres. Tal como no livro, sejamos poetas e voemos com as palavras, mas também com as ações, afinal, não somos personagens de papel.

